

"NÃO SE APRENDE A VOAR VOANDO", DE NIETZSCHE

Tânia M. L. Torres

A metáfora do aprendizado como uma espécie de voo nos termos em que aparece no título deste capítulo surge na obra **Assim falou Zaratustra**, de Nietzsche (2014, 3.11.2, p. 262): “esta é a minha doutrina: Aquele que quer aprender a voar um dia, deve, primeiro, ficar em pé, andar, correr, escalar e dançar – não se pode aprender a voar voando!”

Não se trata, como se pode perceber, de uma referência direta ao sofrimento no aprendizado. O filósofo tenta simplesmente estabelecer certa propedêutica que conduziria ao domínio de uma tarefa complexa. Contudo, é possível imaginar certo desconforto no exercício que prepara o caminho para o voo. Arneiro (2011, p. 18), por exemplo, o interpreta como um processo “exaustivo” e “gradativo”, que exige “espera”.

Essa leitura é possível porque Nietzsche se refere metaforicamente ao próprio temperamento como sendo

a natureza de um pássaro e, portanto, inimiga do “espírito de gravidade”. Para vencer a gravidade, em seus múltiplos sentidos, o filósofo recomenda o amor-próprio: “aquele que *deseja* se tornar ‘leve’ como um pássaro deve amar a si próprio – assim assino *eu*”; por isso, reconhece que seu conselho não é de aplicação imediata, já que considera que o ser humano é como uma “ostra” (NIETZSCHE, 2014, 3.11.2, p. 259 – grifo do autor). Nesse contexto, orgulha-se de ter passado por esse aprendizado: “em verdade, eu também aprendi a esperar, aprendi profundamente, mas apenas a esperar por *mim mesmo*. E acima de tudo aprendi a ficar de pé, a andar, a correr, a pular, a escalar e a dançar” (NIETZSCHE, 2014, 3.11.2, p. 262 – grifo do autor).

Na concepção do filósofo, para aprender a voar, é preciso subir a lugares altos, o que acaba se tornando uma tarefa difícil, especialmente porque, segundo ele, esse caminho “não existe!” (NIETZSCHE, 2014, 3.11.2, p. 263). É preciso construí-lo à medida que o trilhamos.

Se, então, o objetivo do aprendizado é voar, ou seja, o domínio de tarefas complexas, imagina-se que seja extenuante romper os grilhões da gravidade e alcançar o elevado cume onde se possa, finalmente, alçar voo. Apesar de essa explicação fazer sentido, deparamo-nos com uma declaração que parece contradizê-la. Em **A gaia ciência**, Nietzsche (2013a, p. 445) explicitamente afirma que aprendeu voando. Devemos, portanto, esperar esse tipo de contradição do filósofo?

O objetivo deste capítulo é, portanto, examinar a opinião de Nietzsche com respeito às dificuldades do aprendizado e analisar brevemente se o filósofo se contradiz ou não no emprego da metáfora de aprender ou não aprender voando.

NIETZSCHE E A IDEIA DO SOFRIMENTO NO APRENDIZADO

Talvez nenhum outro filósofo tenha compreendido com tanta clareza a importância do sofrimento no processo educativo quanto Nietzsche. Em **A gaia ciência** (§ 56, p. 123), ele assim expressa sua preocupação com a juventude europeia: “penso no desejo de fazer alguma coisa que afague e estimule incessantemente milhares de jovens europeus dos quais nenhum pode suportar nem o aborrecimento nem a si próprio”. O filósofo se preocupa, dessa maneira, com a apatia que havia se abatido sobre a juventude. Nessa passagem, chega à conclusão de que o sofrimento lhes era necessário, a fim de que pudessem extrair de seus sofrimentos “uma razão provável de agir”.

Esse diagnóstico advém da compreensão de que a juventude europeia havia sucumbido a uma atitude depressiva que parece muito semelhante à que muitas pessoas jovens enfrentam hoje em dia. Segundo Nietzsche (2013a, § 56, p. 123), “enchem o mundo com seus gritos de agonia e, por conseguinte, muitas vezes, em primeiro lugar, de seu sentimento de angústia”. Por essa razão, Nietzsche (2013a, § 38, p. 107) chama os jovens europeus de sua época de “barris de pólvora”.

Além disso, o filósofo discorre sobre a dificuldade de se compreender o sofrimento, uma vez que “o que nos faz sofrer mais profundamente e mais pessoalmente é quase incompreensível e inacessível a todos os outros” e, por essa razão, “em toda parte onde se observa que sofremos, nosso sofrimento é mal interpretado” (NIETZSCHE, 2013a, § 338, p. 332).

Por sua incapacidade de lidar com o sofrimento estudantil, os professores se tornam, segundo Nietzsche (2013a, § 1, p. 60), aquilo que denomina de “professores de teleologia”, uma vez que não conseguem se demorar na tragédia e preferem, em vez disso, ater-se à “comédia da existência” e, usando as palavras de Ésquilo (em **Prometeu acorrentado**), ao “mar de sorriso inumerável”, que “acaba sempre por cobrir com suas ondas a mais longa dessas tragédias”.

Entretanto, juntamente com essa avaliação negativa da situação, Nietzsche (2013a, § 48, p. 117) propõe, como solução, uma espécie de “treinamento” no sofrimento. Segundo Nietzsche (2013a, § 318, p. 311),

Na dor há tanta sabedoria como no prazer: ambos estão na primeira linha das forças conservadoras da espécie. Se assim não fosse com a dor, há muito ela teria desaparecido; que ela cause sofrimento, esse não é um argumento contra ela; ao contrário, é sua essência. Ouço na dor a ordem do capitão do navio: “Arriem as velas!” [...]. É preciso que saibamos viver também com uma energia reduzida: logo que a dor dá o seu sinal de segurança, é o momento de reduzi-la – algum grande perigo, alguma tempestade se prepara e agimos prudentemente ao oferecer a menor “superfície” possível.

Aliás, Nietzsche (2013a, § 318, p. 311) acredita que, sem sofrimento, não formamos heróis e, por isso, “não se deve recusá-lo a eles”. Segundo o filósofo, quando se aprende a sofrer, não se perece de “miséria interior” e de “incerteza” diante de uma grande dor (NIETZSCHE, 2013a, § 325, p. 315), porque adquirimos a capacidade de “destilar doçura sobre as nossas amarguras” (NIETZSCHE, 2013a, § 326, p. 316).

Desta forma, o filósofo faz o seguinte questionamento, em **Além do bem e do mal** (§ 225, p. 148):

A disciplina do sofrimento, do grande sofrimento – não sabem que é essa disciplina sozinha que, até aqui, levou o homem às grandes alturas? Essa tensão da alma na desventura, que lhe inculca a força, os estremecimentos da alma à vista dos grandes cataclismos, sua engenhosidade e sua coragem para suportar, para gritar, para interpretar, para tirar proveito da desgraça e de tudo o que jamais possuiu de profundidade, de mistério, de máscara, de espírito, de astúcia, de grandeza.

Nietzsche (2017, § 225, p. 148) teme, porém, que as pessoas o compreendam mal quando critica aqueles que querem eliminar o sofrimento do processo educativo: “você querem, se possível – e não existe ‘possível’ mais insensato – suprimir o sofrimento; e nós? Parece que gostaríamos de torná-lo ainda mais intenso e mais cruel do que nunca!” Por isso, o filósofo sente a necessidade de afirmar que a dor e o sofrimento não eram positivos em si mesmos. Pelo contrário, em **Aurora**, ele se refere à dor como uma espécie de tirano, num regime em que a única alternativa seria “*tomar o partido* justamente da *vida* contra o tirano” (NIETZSCHE, 2016, § 114, p. 81 – grifo do autor); em **Além do bem e do mal**, critica o “culto à dor”, contra o qual o único amuleto protetor é o da “gaia ciência” (NIETZSCHE, 2017, § 293, p. 215); e, em **Genealogia da moral**, argumenta que o sofrimento é “causa fisiológica” do desequilíbrio humano (NIETZSCHE, 2009, terceira dissertação, § 15, p. 108).

Apesar disso, o filósofo não subtrai a dor do processo de aprendizado. Nietzsche (2009, segunda dissertação, § 3, p. 46 – grifo do autor) chega a dizer que “apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra”. Nessa visão, o processo de aprendizagem é uma viagem de dor, pois “*é na dor que o homem é passageiro*. É a bordo da dor que ele está, que ele é. É nessa viagem, assim em escuta e obediência à necessidade de dor, que se faz a superação (*Überwindung*), melhor, o perpassamento (*Verwindung*) de dor” (FOGEL, 2009, p. 88-89 – grifos do autor). Sendo assim, “não se pode pensar o sofrimento como

anomalia a ser eliminada”, pois “rejeitá-lo é [...] rejeitar a vida mesma, da qual ele é uma dimensão essencial” (WOTLING, 2013, p. 180).

A proposta educativa de Nietzsche inclui, portanto, formas construtivas de lidar com o sofrimento. Em **Humano, demasiado humano** (§ 108, p. 95), o filósofo apresenta a religião, a arte e a metafísica como possibilidades. Em **A gaia ciência** (§ 370, p. 413), também considera três possibilidades: a arte, a filosofia e a lógica. Em relação à lógica, o filósofo declara que as pessoas têm a necessidade natural de uma “inteligibilidade abstrata da existência”, uma vez que “a lógica tranquiliza e dá confiança”. No entanto, essa não é sua forma preferida de lidar com o sofrimento, pois ela não resolve, de fato, a questão, mas simplesmente confere ao sofrimento “suavidade”, “amenidade” e “bondade”. Em vez da religião, da lógica e da metafísica Nietzsche prefere, por razões semelhantes, o recurso à arte (especialmente a música) e à filosofia, pois, “toda arte, toda filosofia podem ser consideradas como remédios e auxílios a serviço da vida em crescimento e em luta: supõem sempre sofrimento e sofredores” (NIETZSCHE, 2013a, § 326, p. 412).

Nesse contexto,

Dizer sim à vida seria, então, recusar o pessimismo que transforma o sofrimento em objeção, conformar-se às exigências da vontade de potência, aceitar com gratidão todo estímulo provocado pela atividade de forças antagonistas. O sim não é, portanto, aceitação resignada da dor; é a luta que representa a forma suprema de afirmação. (WOTLING, 2013, p. 186).

NIETZSCHE E SUA APARENTE CONTRADIÇÃO

Como obra de sua maturidade intelectual e escrita numa época de convalescência, “após um período de fortes enfermidades” (DE PAULA, 2012, p. 265), **A gaia ciência** “pode ser considerada o centro sereno da obra de Nietzsche” (STEGMAIER, 2014, p. 233). O adjetivo “gaia” no título da obra vem do provençal e significa “gaiata”. Trata-se, portanto, de uma provocação de Nietzsche àqueles que defendiam a gravidade da ciência. Na opinião do filósofo, justamente por ter objetos de estudo muito complexos e sérios, a ciência precisaria sacudir o próprio peso e alçar voo. Ou seja, “para se esclarecer a respeito da seriedade de sua crença, a ciência precisa tentar ser imprudente, ousada e aventureira”, rompendo paradigmas e estabelecendo uma espécie de “filosofia artística” (STEGMAIER, 2014, p. 233-234).

Ao dizer que “não se aprende a voar voando”, Nietzsche não nega a possibilidade. Ele simplesmente aponta para o fato de que essa não é a melhor forma de aprender. Nesse sentido, ele não se contradiz quando afirma, em seu poema “No sul” (NIETZSCHE, 2013a, p. 445): “aprendi voando o que me iludia”. Há algumas razões para que não consideremos o verso como contraditório. Em primeiro lugar, os sentimentos e pensamentos do eu-poético não são necessariamente idênticos aos do poeta que escreve o verso. Em segundo

lugar, é possível interpretar que, nesse caso, “voando” seja uma expressão adverbial com o sentido de “rapidamente”. Sendo assim, poderíamos supor que o eu-lírico tenha aprendido depressa aquilo que o iludia. Em terceiro lugar, é possível supor ainda que o eu lírico estivesse iludido em sua afirmação de que tinha aprendido voando. Finalmente, pode haver aí um erro de tradução e que o eu-lírico esteja dizendo que há aprendido também durante o voo. Torres Filho (*apud* NIETZSCHE, 1999, p. 455), por exemplo, traduz o verso assim: “No voo aprendo o mal que me eiva”.

Com a metáfora do voo a partir de um lugar elevado e após alguns movimentos propedêuticos, Nietzsche reforça a centralidade da “vivência” (*Erlebnis*) em sua filosofia. De acordo com Viesenteiner (*apud* DE PAULA, 2012, p. 264),

Embora nunca sistematizado por Nietzsche, o conceito de vivência carrega uma dimensão exclusivamente prática e, simultaneamente, um contra-conceito de razão [...]. *Erlebnis* é a condição de possibilidade para “tornar-se”, pois tudo o que ocorre ao homem, ocorre através exclusivamente de uma travessia, um percurso, uma trajetória aventureira em condições sempre diferentes, ou simplesmente uma vivência, sem que possamos determinar, porém, o que o homem deve efetivamente vivenciar, a fim de tornar-se o que é.

Avivência teria “uma dimensão estética” e “não-racional” (*pathetika*) que representaria “o rigoroso instante em que sentimos algo”, em contraste com a “experiência” (*Erfahrung*), que representaria a “mediação lógica” diante desse sentimento (VIESENTEINER *apud* DE PAULA, 2012, p. 268, n. 25). Isso explica por que Nietzsche (2013a, prefácio, § 3) argumenta que temos que parir os pensamentos em meio à dor, uma dor que não nos aperfeiçoa, mas que nos aprofunda:

Não somos rãs pensadoras, não somos aparelhos registradores com entranhas frigorificadas – devemos incessantemente dar à luz nossos pensamentos na dor e maternalmente dar-lhes o que temos em nós de sangue, de coração, de ardor, de alegria, de paixão, de tormento, de consciência, de fatalidade.

Wotling (2013, p. 188) atenta para a linguagem que o filósofo emprega para se referir às situações em que a dor e o sofrimento são extirpados ou atenuados e conclui que “Nietzsche lança mão da linguagem metafórica neurológica apresentando os ideais reativos a partir do modelo dos estupefacientes, narcóticos, destinados a insensibilizar, ao entorpecer o aparelho de percepção da dor”. No caso da Europa, por exemplo, Nietzsche aponta, em **Crepúsculo dos ídolos**, no capítulo intitulado “O que os alemães estão na iminência de perder” (§ 2), que os principais narcóticos seriam o álcool, a religião e a música.

Porém, a ação entorpecente está longe de ser uma estratégia aprovada pelo alemão, que, indignado, brada: “quem nos contará a história completa dos narcóticos? – É quase a história da ‘cultura’ inteira” (NIETZSCHE, 2013a, § 86, p. 160). Como se vê, o filósofo compreende que a tendência das pessoas é eximir-se das atividades pouco prazerosas,

mesmo que isso signifique a perda de valiosas oportunidades de aprendizado. Isso é algo cultural.

Por outro lado, o filósofo também considera que o que leva as pessoas a agirem dessa forma não é tanto o sofrimento em si, mas a racionalidade com a qual tentam lidar com a dor: “o que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido” (NIETZSCHE, 2009, segunda dissertação, § 7, p. 53). Portanto, quando se coloca o sofrimento em perspectiva, é possível que ele seja mais tolerável e que sua presença não impeça que haja benefícios no aprendizado em questão.

Finalmente, o filósofo questiona o papel do prazer e do sofrimento na formação humana e rejeita a ideia de que esses dois elementos sejam causas de nossas ações, cabendo-lhes, antes, o caráter de efeito dessas ações:

Creemos - e ainda o creem nossos filósofos - que o prazer e o sofrimento provocam reações, e a finalidade deles é provocar reações. Há milhares de anos o prazer e o desejo de se subtrair ao desprazer foram aproveitados como verdadeiros *motivos* de qualquer ação. Com um pouco de reflexão podemos conceder que tudo se passaria assim, exatamente de acordo com o encadeamento de causas e efeitos, se os estados de prazer e de dor não mais existissem: e simplesmente se enganam se julgam que pouco importa o que ocasionam. São *fenômenos secundários* com outra finalidade além de provocar reações; são efeitos que fazem parte do processo de reação que normalmente decorre... (NIETZSCHE, 2017b, § 262, p. 363 – grifos do autor).

CONCLUSÃO

Nietzsche (2009, segunda dissertação, § 7, p. 52) declara que o sofrimento é um “ponto de interrogação”. Ele também descreve o sofrimento como uma metáfora (NIETZSCHE, 2013b, § 140, p. 88). De fato, trata-se de uma questão de grande importância para o filósofo, que Wotling (2013, p. 194) considera “a coroação da teoria nietzschiana do valor”. Em verdade, Nietzsche “afirma a dor como elemento necessário e constitutivo da vida” (MELO NETO, 2017, p. 104).

O sofrimento assume proporções metafísicas para o filósofo em seu projeto de transvaloração de todos os valores. Embora seja parte do arcabouço metafísico de Nietzsche, o sofrimento pode também ser pensado em termos mais claramente práticos, como, por exemplo, o sofrimento que o processo de aprendizado requer. Epistemologicamente, o filósofo conclui, em **Humano, demasiado humano** (§ 109, p. 96), que “o conhecimento é aflição”. Mais adiante (§ 224, p. 164), o filósofo argumenta que

quanto ao indivíduo, a missão da educação é a de lhe preparar uma base tão firme e segura que nunca mais possa ser desviado em absoluto de sua rota. Mas depois o dever do educador é de lhe fazer feridas ou de utilizar as feridas que o destino lhe causa e, quando tiverem surgido assim a dor e a necessidade, então também algo de novo e nobre pode ser inoculado nos pontos feridos.

Em **Crepúsculo dos ídolos**, no capítulo intitulado “O que os alemães estão na iminência de perder” (§ 6-7), Nietzsche resume como sendo três as grandes tarefas da educação básica: aprender a ver, aprender a pensar e aprender a falar e escrever. Pressupõe-se, portanto, que essas atividades devam, forçosamente, requerer algum nível de sofrimento por parte de quem as empreenda.

Segundo Nietzsche, o problema humano não reside no sofrimento, mas no sofrimento sem sentido. Desta forma, ele declara que

o homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, não *nega* em si o sofrer, ele o *deseja*, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um *sentido*, um *para quê* no sofrimento. A falta de sentido do sofrer, *não* o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade – e o *ideal ascético* lhe *ofereceu um sentido!* Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum. (NIETZSCHE, 2009, quarta dissertação, § 28, p. 139 – grifo do autor).

Embora Nietzsche (2017, § 225, p. 148) reconheça que “há problemas mais elevados que todos esses problemas de prazer, da dor” e que, “se a filosofia se limitasse a isso, seu domínio seria uma ingenuidade”, no final das contas, para ele, portanto, não se aprende a voar voando. Aprende-se a voar sofrendo. Aliás, para ele, o sofrimento faz parte de todo aprendizado significativo.

REFERÊNCIAS

- ARNEIRO, André L. de P. **Especulações em Sérgio Sant’Anna**: relações dialógicas com a filosofia nietzscheana. Orientador: Maurício Salles de Vasconcelos. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2011.
- DE PAULA, Wander A. Criar a partir do sofrimento: uma análise dos prefácios de 1886. *In*: AZEREDO, Vânia D.; SILVA JÚNIOR, Ivo (Org.). **Nietzsche e a interpretação**. Curitiba: CRV/Humanitas, 2012. p. 263-272.
- FOGEL, G. Lendo *Da visão e do enigma*. **Cadernos Nietzsche**, n. 25, p. 83-114, 2009.
- MELO NETO, João Evangelista T. **Dez lições sobre Nietzsche**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013a.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017a.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Carlos Duarte; Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Aurora**: reflexão sobre os preconceitos morais. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, demasiado humano**. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s. d.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O crepúsculo dos ídolos: a filosofia a golpes de martelo**. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s. d.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O livro do filósofo**. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013b.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras incompletas**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2017b.

STEGMAIER, Werner. FW: *A gaia ciência*. In: NIEMEYER, Christian (Org.). **Léxico de Nietzsche**. Tradução: André Muniz Garcia *et al.* São Paulo: Loyola, 2014, p. 232-235.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução: Vinicius de Andrade. São Paulo: Barcarolla, 2013.